2.ª SERIE. TOMO II.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

**Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.**

N.º 7. QUINTA FEIRA, 22 DE NOVEMBRO DE 1849. 9.º ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### A INDUSTRIA NACIONAL E A EXPOSIÇÃO DE 1849.

I

**Considerações Geraes.—Productos Chimicos.**

95 A fabrica da Verdelha pertencente ao Sr. conde do Farrobo, pelos productos que apresenta, é a de mais alta importancia industrial. Pelo espaço de 15 annos não foram notorios os progressos feitos neste estabelecimento, e, gozando de uma especie de privilegio, póde dizer-se que poucas esperanças a industria nacional tinha no auxilio que tal fabrica lhe poderia prestar. Ao presente tem completamente mudado estas circumstancias, e duas causas poderosas lhe tem dado nova vida — uma tem sido a intelligente direcção do Sr. Julio Pimentel, e outra a prompta extracção que o Contracto do Tabaco tem facilitado a um dos seus productos, empregando no fabrico do sabão a soda da Verdelha. Durante os antigos contractos a soda era toda importada de Inglaterra, e nem se fabricava na Verdelha.

O primeiro dos seus productos de que fallaremos será o — acido sulfurico — porque é incontestavelmente o que expoz que tenha mais importancia industrial. Para completa intelligencia de todos os nossos leitores, acompanharemos estas nossas considerações com a exposição de alguns principios que se forem conhecidos por muitas pessoas não o serão por todas, e tanto basta para que sejam aproveitados.

Todo o auxilio que a chimica presta á industria fabril, provém do muito que se estuda a natureza interna das substancias conhecidas, abrangendo neste estudo as transformações porque ellas passam reagindo umas sobre as outras, ou quando são separadas dos corpos em que se conteem. São hoje conhecidos 61 corpos diversos que se unem aos dois ou tres, etc. e em diversas proporções. Este facto basta para se comprehender que deve ser immenso o numero das reacções chimicas que dão origem ás substancias naturaes, e aos compostos que se formam nos laboratorios.

Como nesses 61 corpos ainda se não descobriu nenhum que se possa decompor são chamados *corpos simples*. No methodo adoptado para o estudo da chimica o primeiro dos corpos simples é o oxigenio, corpo que se encontra na constituição de todos os corpos organicos, tanto vegetaes como animaes. Os compostos que resultam da união do oxigenio a qualquer outro corpo simples, chamam-se acidos se avermelham as cores azues vegetaes ou saturam as bazes. O acido sulfurico é composto de oxigenio e de enxofre, e é conhecido vulgarmente pelo nome de *oleo de vitriolo*. Chegados a este ponto todos sabem a parte essencial que tal producto toma na industria fabril, e por tal arte que não falta quem o considere como um dos seus geradores, pelo menos na parte que se denominam — artes chimicas.

O acido exposto é bom — bastante puro e tanto que as fabricas nacionaes de estamparia o compram para a dissolução do anil, quando em outras nações este processo só se faz com o acido de Nordauzen, o mais energico e caro, e do qual hoje a Bohemia monopolisa, pelo preço baixo porque o vende, quasi toda a produção.

Na Verdelha o acido é preparado em camaras de chumbo pelo processo inglez. A fabrica possue dois aparelhos os quaes queimam juntos 88 arrobas de enxofre, que devem produzir por dia 264 arrobas de acido, marcando 66 gráus do areometro de Beaumé. Grande parte deste producto é empregado no fabrico da soda, e alguma porção no fabrico das velas stearinas, e o que resta é vendido no commercio a 40 réis a libra, isto é, mais do dobro do preço porque se vende em França e na Inglaterra. Devemos notar que na exposição de 1838 já este producto se appresentou com o mesmo preço — e dezejariamos poder annunciar-lhe a baixa no custo, assim como lhe publicamos a muita melhoria que se observa no fabrico. Os progressos da industria exigem que este producto venha a baixar de preço, e nos esperamos que assim aconteça porque o seu grande consumo promoverá o estabelecimento de novas fabricas — e a concorrencia nacional, ou a grande latitude de consumo acabarão com este obstaculo que se oppoem ao desin,

volvimento de muitos ramos de industrial fabril, nos quaes o acido sulfurico é uma das materias primeiras.

A descoberta da soda artificial marcou uma era notavel na historia da industria. Data esta descoberta de 1792, quando a França cercada pelas armas inimigas procurava em si, não só os meios de defeza, mas os recursos de sua vida industrial. Faltavam-lhe materias primeiras para emprego dos braços de seus filhos que a fome ameaçava, o genio, tentando descobrir productos já conhecidos, descobria ao mesmo passo outros novos. Foi neste periodo celebre que Leblanc descobriu o processo para o fabrico da soda artificial, conservado ainda hoje como para servir de monumento ao muito que a industria de todos as nações deve a esta descoberta. A soda artificial é com especialidade empregada em avultada quantidade no fabrico do sabão, dos vidros, e nas tinturarias. Em França o consumo da soda é só em referencia á producção do paiz de 70 milhões de kilogramos. Bastam estas considerações para provar que seria mui conveniente que os capitaes nacionaes concorressem para o engrandecimento deste importante producto chimico, que tem consumo seguro e bem pago. A soda artificial da Verdelha (carbonato de soda), póde considerar-se de boa qualidade. A fabrica produz 900 arrobas por mez, extrahidos do sal das marinhas da Verdelha. Ordinariamente marca 75 gráus; mas sabemos que muita se tem fabricado, marcando 82 gráus.

Quasi toda a producção é consumida pelo Contracto do Tabaco, que a paga por 1$200 réis cada arroba. — Consta-nos, que para o commercio se tem vendido alguma por favor a 1$600 réis. O que fica dito prova, que algumas industrias se não podem levantar no paiz sem que a producção desta materia primeira seja muito mais abundante do que é actualmente, devendo tambem resultar dessa abundancia a baixa do preço de muitos productos de primeira necessidade, sobre os quaes recahe o elevado custo, por que sahe a soda estrangeira. A nossa intenção appresentando com franqueza o que pensamos ácerca de productos de tão grande importancia, é mostrar ao paiz que lhe não faltam recursos, se se empregarem com acerto os capitaes, que sem lucros ou com grande risco, andam fóra da circulação productiva. Provar que a fabricação de um producto é possivel — que o seu consumo é muito, eis o que basta para que o fabrico de tal producto dê um grande passo, não só em seu proveito, mas em beneficio geral. É por este lado que nós achamos de muita valia, essa pequena parte que os productos chimicos tomaram na exposição e no que se notam circumstancias mui favoraveis, quanto ao melhoramento da sua qualidade. Ácerca do sulfato de soda, dizemos o mesmo que deixamos escripto, por que a sua importancia depende do producto antecedente.

A *capa rosa* é de boa qualidade, mas o seu preço é muito alto; não se presta ao emprego que poderia ter na agricultura, se o preparo dos estrumes, sahisse da rotina em que está paralisado ha muito por desfortuna do paiz.

Passando a fallar no *chlorureto de cal*, não podemos deixar de mencionar o quanto se provam pelo emprego deste composto os modernos progressos da industria fabril. Em 1774 o chloro era apenas conhecido — e o celebre chimico Berthollet morto em 1822 deixava nos seus *Elementos de tinturaria* a mais importante aplicação do chloro, descubrindo o seu emprego no branqueamento dos tecidos de linho, de algodão e do papel, bem como a sua influencia na tinturaria, pela acção descorante sobre algumas tintas. Antes desta descoberta, era a exposição ao sol e ar livre, e as lavagens que suppriam o que hoje a sciencia opera em alguns momentos. Por em quanto, a Fabrica da Verdelha produz mui pouco cholorureto de cal. A industria nacional não offerece ainda grande mercado a este genero, pois que os branqueamentos de tecidos, não se fazem por em quanto em grande escála, e a atrazadissima industria do papel faz uso dos processos antigos, com excessão da fabrica da Abelheira, que importa de Inglaterra o chlorureto de que se serve.

Dizem geralmente que o chlorureto de cal, da Verdelha é fraco — acreditamos que assim seja; mas tambem acreditamos, que sendo o processo da sua preparação muito simples é possivel melhorar o producto, logo que o consumo augmente.

Do resto dos productos da Verdelha, só faremos especial menção do *acido oxalico*, por que assentamos que o merece. Este producto tem grande emprego na estampagem das chitas e apparece na exposição com duas circumstancias, que o jury não deverá esquecer por que sobre ellas assenta todo o verdadeiro progresso das artes chimicas: a sua qualidade é excellente e consta-nos que o fabricante lhe arbitra o preço de 480 réis a libra, tendo o seu preço sido até ao presente de 1$200 por libra.

A relação dos productos expostos pela Fabrica da Margueira prova que são na maxima parte drogas de pharmacia, algumas das quaes só pela experiencia se podem avaliar. Esta fabrica honra muito os seus proprietarios, os Srs. Serzedellos. O seu genio emprehendedor, bem como o zelo com que se entregam aos progressos do seu estabelecimento, são causas que muito o podem engrandecer. Dos productos appresentados, julgamos dignos de se continuarem a fabricar com vantagem commercial os seguintes, dispostos aqui pela ordem de importancia relativa: Cremor de tartaro — Acido tartrico — Refinação do Salitre — Acidos muriatico e nitrico — Christaes de soda — Chlorureto de cal — Bicarbonato de soda — Nitrato de cobre — Nitrato de prata christalisado e fundido — Nitrato de prata christalisado e fundido — Nitrato de chumbo — Sublimado corrosivo — Vermelhão. Constanos — que ao presente o que mais avulta da Fabrica da Margueira é o fabrico do *Cremor de tartaro*, do *Salitre*, da *Soda* e a preparação dos acidos, Muriatico e Nitrico.

O exemplar do cremor acredita a fabrica da Margueira, pela sua excellente apparencia; mas a importancia deste producto, bem como a do acido tartrico que lhe anda annexo, nos levam a prestar-lhe alguma attenção, porque ambos os productos serão de muita utilidade, não só para o nosso consumo, mas tambem para os exportarmos com vantagem, pois que a Inglaterra os viria buscar em avultadissimas porções: mas para que assim aconteça é mister attender que a preparação de um producto chimico analy-

sada economicamente, não é louvavel somente pelo facto material da sua producção, mas pela sua quantidade, em relação ás necessidades do mercado e pelo seu baixo preço; — são estes os dois pontos para onde devem convergir os esforços das nossas fabricas de productos chimicos. Conviria empregar um methodo economico em a refinação do cremor, para augmentar a exportação — a qual, apesar de se não empregar ainda esse methodo, já sustenta, além da Margueira, mais duas fabricas, que existem em Lisboa: — toda a exportação é para Inglaterra. O exemplar do acido tartrico é de boa apparencia, mas a sua producção é por em quanto limitada e cara. O acido muriatico tambem se vende ainda por preço elevado. O estado em que se acha a refinação do salitre em Portugal não é muito para admirar: — nesta parte estamos ainda atrasados e a fabrica real de Alcantara, que refina o salitre da India para a fabrica da polvora, não corresponde ao que resulta da fabricação que se faz fóra do paiz. Infelizmente a Margueira não excede a fabrica de Alcantara — e a nossa opinião não muda ante os grandes christaes de salitre que a fabrica da Margueira expoz, porque antes christalisações miudas, havendo a certeza de que o nitro é puro, do que essas grandes christalisações obtidas por meio de processos que não estão completamente acreditados.

Os cristaes de soda são dignos de louvor. A sua extracção na Margueira faz-se lexiviando a barrilha de Alicante, que importamos de Hespanha.

Os productos da fabrica do Sr. Tavares em Alcantara não appresentam aperfeiçoamento conhecido que se deva mencionar. É para sentir que não apparecessem na exposição alguns oleos essenciaes como são o do *alfazema;* o de *Portugal*; o de *verbena;* o de *alecrim*, e de muitas plantas e flôres indigenas da nossa terra. Comparando os productos chimicos desta exposição com os que se appresentaram nas tres anteriores, observa-se que as fabricas vão augmentando, e variando a producção; mas que estas duas vantagens não são proporcionalmente acompanhadas pela baixa do preço, influindo para este facto a circumstancia de que sendo muitos dos seus productos materias primeiras da industria fabril — os productos que para taes fabricas são materias primas sahem ainda em Lisboa por um preço alto, bem como o combustivel, que não deixa de ter um preço bem subido.

Todas estas rasões devem ser bem meditadas pelos homens, que de véras estão votados ao incremento dos interesses industriaes, como meio economico de melhorar a situação do paiz.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.
(*Continúa*).

---

## REFLEXÕES SOBRE O ESTADO ACTUAL DA HORTICULTURA EM PORTUGAL.

96 Entre todas as artes civilisadoras que poderosamente contribuem ao embellesamento, e á prosperidade dos paizes mais adiantados, talvez não haja nenhuma que nestes ultimos annos tenha feito entre nós tão rapidos progressos, e tenha dado tão satisfactorios resultados como a horticultura.



Excitado pelo louvavel zelo com que SS. MM. e outros proprietarios abastados teem adornado as suas quintas e jardins enriquecendo-os com uma multidão de lindos vegetaes de todas as zonas, tem-se generalisado entre nós este gosto para a cultura de plantas exoticas com tal rapidez, que hoje em dia já são mui poucas as quintas e jardins mormente na capital, e suas visinhanças, aonde as tristissimas banquetas de louro, e a dura monotonia do buxo tosqueado não estejam substituidas pela verdura sempre eterna de lustrosas camellias, e rhododendros; de magnificas fuchsias, azaleas, e por muitos outros arbustos de variadissimo porte, e grande belleza de flores; tambem os rigidos cravos, e a ephemera pompa dos rainunculos, lembranças estas do estylo antigo, acham-se hoje quasi em toda a parte suppridas por magnificos tapetes de esplendentes verbenas, e multicolores petunias com que as escholtzias, schisanthus, mimulus, e tantas outras lindas plantas herbaceas de todas as regiões do Orbe terrestre, formam um amenissimo contraste.

Mas com tudo isso o esmero dos nossos curiosos não parou; formado uma vez o gosto de modificar, e variar as plantações creou-se tambem logo a inclinação para as culturas especiaes, e assim encontramos no Real Paço da Pena em Cintra, e na quinta do Sr. Marquez do Fayal no Lumiar, as coniferas; na quinta do Sr. Conde do Farrobo nas Larangeiras, os rhododendros e azaleas; e no quintal do Sr. Machado na rua do Correão, os Cactus, Ericas e verbenas cultivadas com especial predilecção, e com os resultados os mais satisfactorios.

Não podemos nesta occasião deixar de fazer a mais honrosa menção do Sr. José do Canto, na Ilha de S. Miguel (Açôres) que desde muitos annos se emprega na louvavel tarefa de acclimar as arvores, e arbustos das regiões tropical e subtropical, fazendo com bastante despesa construir estufas convenientes para esta cultura, que em consequencia do clima bonançoso daquellas Ilhas poderá um dia contribuir poderosamente para a bellesa, e prosperidade daquelle Archipelago.

Em quanto porém os factos acima apontados são bastante honrosos aos curiosos da nossa bella patria; não podemos deixar de lembrar algumas considerações, as quaes ainda que menos lisongeiras ao nosso orgulho nacional, devem antes servir de estimular-nos desde já a maiores esforços do que a desanimar-nos em nossas intenções horticolas.

Em primeiro logar forçoso é confessarmos que a maior parte dos prosperos resultados das nossas culturas, não são filhos da nossa arte e dos nossos conhecimentos horticolas, mas sim do excellente clima com que o céu abençoou o nosso paiz e que por tanto muito nos resta ainda que apprender, e estudar para modificar e corrigir convenientemente as influencias do clima e a naturesa dos terrenos.

Outro inconveniente não menos grave reclama tambem imperiosamente o nosso zelo, e esforços futuros tanto na horticultura como nas culturas florestal e agricola.

É sabido por todos que a maior parte dos vegetaes tanto lignescentes como herbaceos, com que augmentamos quotidianamente os nossos jardins, vem dos grandes estabelecimentos do Norte da Europa, e que pagamos para isso avultadissimas sommas ao estrangeiro:

mas quasi todos esses vegetaes não são indigenas daquelles Paizes donde nos vem, mas sim das zonas tropical e subtropical aonde possuimos vastissimos terrenos, e donde podiamos introduzir em caminho directo muitas daquellas plantas com menos custo, e com a incalculavel vantagem de ficar deste modo proporcionada aos habitantes das nossas provincias ultramarinas uma nova via de mutuo commercio, com evidente e reciproca utilidade.

Ora como aquellas posessões abraçam variadissimas regiões na Africa e Azia, e que a respeito da sua vegetação ainda estão quasi totalmente desconhecidas, é mais que provavel o podermos receber dalli muitos vegetaes preciosos para a horticultura, agricultura e cultura florestal, os quaes depois de acclimados e multiplicados em Portugal nos poderiam fornecer todo o material necessario para recebermos do estrangeiro os mais vegetaes, que nos faltam em *mutua troca* das nossas proprias culturas, em logar de mandarmos o nosso dinheiro para fóra do paiz.

Uma terceira circumstancia, que constantemente está impedindo e embaraçando o desenvolvimento das nossas inclinações horticolas, é a falta de estabelecimentos bem sortidos aonde os curiosos possam prover-se conveniente e *honestamente* de qualquer numero de plantas, ou sementes desejadas.

Dissemos de proposito *honestamente* por ser infelizmente notorio, que anda entre nós certo numero de interessados, pseudo-curiosos, cuja predilecção singular, mas pouco louvavel se dirige quasi exclusivamente a alcançar sementes, plantas, ou estacas dellas por *vias illicitas*, e menos honestas, desmoralisando por tal procedimento os empregados em alguns jardins publicos e particulares, desgostando ao mesmo tempo os donos destes, que muitas vezes veem com a maior pena desencaminhadas dos seus jardins, justamente aquellas plantas que só com grande despesa e sacrificios poderam alcançar.

Foi principalmente em consequencia destas reflexões, repetidas vezes lembradas, que eu principiei desde alguns annos a estender e augmentar as minhas culturas tanto no meu pequeno quintal em Lisboa como na minha quinta na Portella.

Empreguei todos os meus ainda que pouco sufficientes esforços para congregar, e multiplicar nestes locaes quantos vegetaes encontrei nos catalogos dos jardins estrangeiros mais acreditados, que julguei proprios para adorno dos nossos jardins, ou para a cultura florestal, não me descuidando de tirar proveito das grandes riquesas que a nossa Flora indigena offerece para este fim.

Um grande numero das nossas plantas herbaceas, e arbustos indigenas, como por exemplo as linarias, orchideas, fetos, cistus etc. são muito estimados e cultivados com o maior zelo pelos horticultores estrangeiros, que quasi unanimemente se queixam, de não poderem prover-se delles conforme desejam.

Folgamos por tanto de poder offerecer aos curiosos certo numero de especies da Flora Portugueza, que ou pelo seu porte bonito, ou por outros motivos se recommendam. (1)

Tentei tambem entrar em correspondencia immediata com varios pontos dos paizes tropicaes de que já tirei resultados satisfactorios, pois muito lindas plantas e arbustos dos arredores do Rio de Janeiro e de Pernambuco, recebidas dalli ha pouco tempo acham-se já em multiplicação no meu estabelecimento, e na semana passada recebi da Belgica uma numerosa collecção de arbustos sempre verdes, e outras plantas de bello porte, que como julgo mereccrão a plena approvação dos curiosos.

Trato agora de classificar com a exactidão possivel, e de reunir todas as especies das minhas culturas n'um catalogo geral, que tenciono publicar quanto antes, para deste modo dar conta das plantas que os curiosos poderão encontrar no meu jardim, e assim facilitar-lhes a escolha do que desejarem receber delle ou mandar-me em benevola troca das minhas remessas.

Lisboa 13 de Novembro de 1849. — Rua de S. José n.º 78.

BENTO ANTONIO ALVES.

(1) Devemos a maior parte da posse dellas, e noções sobre os differentes modos de sua cultura, e multiplicação á desinteressada amizade do Dr. Frederico Welvitsch, distincto naturalista allemão, que ha quasi dez annos com o maior esmero e zelo scientifico, se dedica ao estudo e revista total da nossa Flora Lusitana, e cujas numerosas descubertas addicionaes e rectificações para a dita Flora, já se encontram merecidamente avaliadas e apontadas em varias obras recentemente publicadas por Decandolle, Walpers e outros phythographos, eminentes da nossa época.

## RESUMO DAS OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS,
### Feitas em Lisboa no mez de Agosto de 1849, 3.º do verão.

97 *Temperaturas.* — Maior calor a 25 e 26, 92°. — Maior frio a 19, 57°. — Temperatura media das madrugadas 62°,5. — Dita ás 3 horas da tarde 80°,7. — Dita media do mez 70°,7. — Variação media diurna 18° — Maior dita a 22 — 27°.

*Alturas do barometro*, reduzidas á temperatura de 63°. — Maxima a 19, 761,8 millimetros — Minima a 31, 753 — Media 757,7 — Variação dos extremos 8,8 millimetros, ou quasi estacionario.

*Ventos dominantes*, contados em meios dias, e suas forças. — N, 17 (1,1) — NO, 6 (0,8) — O, 1 (1,0) — SO, 20 (0,6) — NE, 5 (1,1) — B. ou V, 13. — Direcção do vento dominante — N, 56°. O (0,8) — Madrugadas bonançosas 19. — Meios dias ventosos 15.

*Estado da atmosphera* — Meios dias claros 44. — Claros e nuvens 6 — Cobertos 4 — Cobertos e clarões 6 — Dia de chuva 1, em 31 do mez, fornecendo a tenue quantidade de 2 millimetros — Nevoeiros matutinos 3 — Dias de calor notavel 19, sendo 13 intensos, os quaes appareceram desde 11 até 16, e de 20 a 26 com o ar muito humido.

Decorreu por consequencia o mez assaz calmoso, totalmente falto de chuva e regularmente ventoso.

*Necrologia* dos 6 districtos de Lisboa. — Foram sepultados nos 3 cemiterios da cidade: — do sexo masculino, 190 cadaveres maiores e 188 menores; total 371. — Do sexo feminino, 172 maiores e 169 menores; total 341. — Total geral 712, em cujo numero

se comprehendem 386 que falleceram nos hospitaes, dos quaes 220 foram menores, procedentes da Misericordia. Segue-se, que a mortalidade deste mez excedeu a normal, deduzida dos annos antecedentes, em 7 por cento, confirmando o facto invariavel de ser o mais mortifero do anno nesta cidade.

**Observações do mez de Setembro, 4.° do verão.**

*Temperaturas.* — Maior calor a 19, 81°. — Maior frio a 27, 54°. — Temperatura media das madrugadas 61°. — Dita ás 3 horas da tarde, 74,3 — Dita media do mez 66°,7 — Variação media diurna, 13,3° — Maior dita a 19, 22°.

*Altura do barometro*, reduzida á temperatura de 63°. — Maxima a 13, 762,1 millimetro. — Minima a 25, 946. — Media, 756,2 — Variação dos extremos 16,1 millimetro.

*Ventos dominantes*, contados em meios dias, e suas forças. — N, 1 (1,3) — NO, 5 (0,4) — O, 6 (0,4) — SO, 34 (0,6) — S, 4 (1,4) — E, 1 (0,2) — SE, 2 (1,3) — B, ou V, 7. — Direcção media do vento dominante S. 51°. O (0,6). — Appareceram bonançosas todas as madrugadas, á excepção de 4. — Meios dias ventosos 8. — Pequena tempestade do SE, a 28 do mez.

*Estado da atmosphera.* — Meios dias claros 6 — Claro e nuvens 18 — Cobertos 5 — Cobertos e clarões 9. — Dias em que houve chuva 11, fornecendo 83 millimetros, ou mais do duplo da quantidade normal, anticipando-se 15 dias a apparição das primeiras aguas, as quaes costumam cahir no meado do mez, em anno regular. — Nevoeiros no horisonte 2. — Dias de calor notavel 6.

Decorreu o mez com a temperatura fresca, muito chuvoso e pouco ventoso.

*Necrologia* dos 6 districtos de Lisboa. — Foram sepultados nos 3 cemiterios da cidade: — do sexo masculino, 184 cadaveres maiores e 135 menores; total 319. — Do sexo feminino, 157 maiores e 138 menores; total 295. — Total geral 614, em cujo numero se comprehendem 332 que falleceram nos hospitaes, dos quaes 168 foram menores, procedentes da Misericordia, sendo por consequencia a mortalidade deste mez egual á normal que lhe compete, segundo as observações feitas nos annos antecedentes.

**Observações do mez de Outubro, 1.° do outono.**

*Temperaturas.* — Maior calor a 29, 78°. — Maior frio a 21, 51°. — Temperatura media das madrugadas 57°,6 — Dita ás 3 horas da tarde 70°. — Dita media do mez 63°,1 — Variação media diurna 12°,3 — Maior dita a 6, 21.

*Altura do barometro*, redusidas á temperatura de 63°. — Maxima a 28, 765,5 millimetros — Minima a 24, 743,3 — Media 758. — Variação dos extremos 22,2 millimetros.

*Ventos dominantes*, contados em meios dias, e suas forças. — N, 11 (0,3) — NO, 5 (0,8) — O, 2 (0,6) — SO, 22 (0,7) — S, 3 (1,5) — NE, 6 (0,5) — E, 1 (0,2) — SE, 2 (1,3) — V, ou B, 10. — Direcção media do vento dominante, S, 85°. O (0,6). — Madrugadas bonançosas 18. — Meios dias ventosos 12. — Tempestade do SE, e S, a 18 do mez.

*Estado da atmosphera.* — Meios dias claros 18 — Claros e nuvens 12 — Cobertos 5 — Cobertos e clarões 5 — Dias em que choveu 11, fornecendo 77 millimetros ou a quantidade regular que compete a este mez. — Nevoeiros brandos 3. — Trovoada a 13 do mez. — Dias de calor notavel 7.

Decorreu o mez na sua temperatura normal, regularmente chuvoso e ventoso.

A temperatura das aguas do Tejo, manteve-se constantemente entre 62 e 63°, reputando exactamente a temperatura media normal do anno, no clima desta cidade. — Segue-se desta observação, que a differença de temperatura entre aquellas aguas, e a do corpo humano, foi de 33°., sendo esta a medida ou intensidade da sensação que se experimenta nestes banhos frescos, actualmente tão geraes, e sem duvida mui proveitosos pela reacção que promovem na pelle.

*Necrologia* dos 6 districtos de Lisboa. — Foram enterrados nos tres cemiterios da cidade: — do sexo masculino 220 cadaveres maiores e 157 menores; total 377. — Do sexo feminino 179 maiores e 146 menores; total 325. — Total geral 702, em cujo numero se comprehendem 373 fallecidos nos hospitaes, dos quaes 173 foram menores, procedentes da Misericordia. Excedeu, por tanto, a mortalidade deste mez, á normal, em mais de 11 por cento, em 68 individuos.

Cumpre notar-se que no decurso deste mez se disse ter havido fortes cheias no rio Mondego, que causaram grandes prejuisos nos seus ferteis campos; porém sendo este acontecimento conhecido vagamente, e sem se mencionar a epocha e as outras circumstancias que o acompanharam, não se póde aventurar uma opinião sobre as causas que o promoveram, devendo suppor-se, que fortes trovoadas se terão desenvolvido nas serras onde nascem os afluentes daquelle rio, pois que as chuvas regulares que appareceram em Lisboa, excedendo apenas 42 millimetros em Setembro, não podiam produzir um similhante effeito, tanto mais sobrevindo depois de ter decorrido um anno mui secco.

M. M. FRANZINI.

# LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

## UM ANNO NA CORTE.

### CAPITULO II.

### Segredos do coração.

98 Quando no dia seguinte Francisco de Albuquerque accordou, já passava das seis horas. Olhou para a cama do seu novo amigo, para todos os cantos do quarto, mas em vez de Luiz de Mendonça viu Diogo Cutilada assentado n'um escabelo, ao pé da janella.

— Que fazes ahi? — perguntou — Porque deixaste morrer o mulato?

— Não, senhor — respondeu Cutilada pondo-se respeitosamente de pé. — Trouxe-o esta manhã para aqui, e vae melhor. Desta não morre elle. Pois merecia-o.

— Onde está o Sr. Luiz de Mendonça?

— Saíu, Sr. Capitão, saíu; e recommendou-me que lhe dissesse que não tardaria aqui, com o fato que ficou de lhe ír arranjar. Parece-me um bom cavalheiro este Sr. Mendonça — proseguiu o soldado. — Hei de fallar-lhe no nosso rei encuberto; quero saber se elle é dos fieis.

— Fazes bem, Diogo — atalhou Francisco de Albuquerque — falla-lhe a elle em D. Sebastião; mas faze-me favor de me não fallares a mim nisso.

— Ah! Sr. Capitão, Sr. Capitão! Deus ha de esclarecêl-o. As profecias bem claro fallam:

Do Reyno a potestade anda encoberta
Na Patria propria, o Rei vive escondido,
E por um modo estranho.......

— São profecias que se cumpriram já. O Rei encuberto era o Sr. D. João IV. — Mas não se tracta agora dessas coisas: deixemos as profecias e os profetas. As naus francezas já entraram a barra?

— Ainda não. Mas as praias começam a encher-se de povo.

— Não ouviste um tiro de canhão? — perguntou Francisco d'Albuquerque, sentando-se na cama e começando a vestir-se. — Outro tiro. É a rainha que chega.

Neste instante a porta do quarto abriu-se com violencia; e Luiz de Mendonça entrou seguido de um negro com uma caixa.

— Aqui está uma gala de principe — bradou da porta Luiz de Mendonça. — Vamos provar tudo isto, para vêr se lhe fica bem.

— Que bondade! — exclamou o nosso Capitão pondo-se de pé. — Vae-te — disse ao negro o moço cavalleiro. — E tu tambem te pódes ír; teu amo não precisa de ti mais por hoje — continuou voltando-se para Cutilada. — Não é assim meu caro Albuquerque?

— É, é assim. Pódes-te ír Cutilada, dou-te licença por todo o dia.

Cutilada saíu dizendo, que ía procurar a velha bruxa, que morava na rua de S. Christovão.

Logo que os dois novos amigos ficaram sós, Luiz de Mendonça abriu a caixa e começou a tirar della os elegantes vestidos que destinava para o provinciano, de quem se tinha constituido protector e conselheiro.

— Aqui está uma boa camisa de *beiraminho* (1) com punhos e colarinho de renda. Um collete de *catalufa* (2) á franceza. Uns calções de *berne* (3). Uma casaca de *lemiste* (4) acanellado com *passamanes* de oiro. Um chapéu ornado de *garçotas* (5)...

— É um vestido de principe! — exclamou o candido Capitão a quem a vista d'aquelles objectos causava uma alegria extraordinaria.

— Não: é como o de nós todos. É assim que devem apparecer n'um dia como este os criados de Sua Alteza. Os de El-Rei com as suas casacas azues, guarnecidas de prata, não hão de fazer-nos sombra. — Esta fraze simples e apparentemente insignificante, foi articulada com voz vibrante e quasi apaixonada: o nome de El-Rei foi pronunciado por Luiz de Mendonça com uma sinistra expressão de rancor.

Francisco d'Albuquerque proseguiu nas suas exclamações, ao passo que ía miudamente observando cada uma das peças do seu novo trajo. Quando acabou de admirar tudo, com candura, e de saciar os olhos com o brilho do oiro, e o vivo explendor das cores; começou, ajudado pelo seu officioso amigo, a trocar os vestidos velhos de guerra, pelas novas galas de corte.

Só depois de se ter pavoneado nas galas de cortesão; de ter puxado com delicadeza os punhos de renda; de ter arredondado os *boccaes* ou canhões da casaca; de ter penteado e perfumado os longos e encrespados cabellos; de ter calçado e descalçado as luvas de cordovão de flores; de ter emfim posto e tirado tres vezes o chapéu para lhe concertar as plumas, é que o moço provinciano se lembrou de que todas aquellas coisas custavam dinheiro, e que a sua bolsa não era das mais bem fornecidas.

— Mas quando e como hei de eu pagar tudo isto! — exclamou elle. — Toda a minha riqueza não chega a trinta cruzados.

— Um cavalleiro com tão bella figura, e tão valente espada não tem nunca na corte faltas de dinheiro — interrompeu Luiz de Mendonça. —

(1) Panno fino da India.
(2) Tecido de prata.
(3) Panno vermelho.
(4) Panno fino de Inglaterre.
(5) Plumas de garça.

Em servindo com fidelidade ao Sr. Infante, e conquistando um coração de fidalga, tens...— Permitte-me que te tracte por tu: é assim que se dizem tractar amigos verdadeiros — tens uma fortuna feita.

— Fiel, hei de sel-o de certo. Mas conquistar um coração, isso...— E cortou a frase com um suspiro sentido.

— Ah! Vejo que estás namorado! — exclamou Mendonça rindo. — É um inconveniente, um gravissimo inconveniente para fazeres fortuna. Mas a inconstancia é uma deusa omnipotente.

— Não; inconstante não posso, não hei de sel-o nunca, nunca me hei de esquecer...— Sentindo que ía revelar os sentimentos intimos da sua alma a uma pessoa que lhe era quasi desconhecida, e que provavelmente estava disposta a zombar delle, e a consideral-o como um provinciano simples e ridiculo, Francisco d'Albuquerque, córando, calou-se repentinamente.

— As revelações que se hão de fazer ámanhã, é melhor que se façam hoje — disse o seu elegante mentor — Estabeleçamos por uma vez a nossa amizade sobre uma base solida, sobre a confiança. Temos tempo. São apenas sete horas. Contemos um ao outro os nossos segredos, em quanto almoçamos.

Luiz de Mendonça era um homem de vinte e seis annos, que parecia ter trinta. A sua phisionomia não era bella. Nariz grande; olhos pretos que se não fixavam nunca, que, para assim dizer, oscilavam sobre os objectos em vez de olharem para elles; boca pequena, que parecia zombar sempre por detraz do longo bigode, que não era nem castanho nem loiro; testa proeminente, que illuminava puros reflexos de intelligencia, mas que algumas rugas ligeirissimas, quasi imperceptiveis, cortavam em differentes sentidos; cabello longo e anellado; voz suave, quando fallava naturalmente, mas ás vezes metalica, aguda, desagradavel até, quando se levantava acima do tom ordinario, expressão de orgulho no rosto e nos gestos; grande franqueza e affabilidade no trato intimo; indiferença e frieza na fraze; todos estes defeitos, todas estas boas qualidades produsiam em Luiz de Mendonça um conjunto, que atrahia, que agradava, aos que o conheciam particularmente, mas que á primeira vista o tornava antipatico, ou pelo menos pouco simpathico.

Francisco d'Albuquerque, esse sentia-se attrahido irresistivelmente para aquelle mancebo, que, sendo da sua mesma idade, tinha com tudo maior superioridade de intelligencia, um espirito muito menos enthusiasta e conseguintemente mais calculador, e sobre tudo conhecia, muito melhor do que elle, os homens e as coisas.

A mutua confiança que lhe parecia a elle tambem, base em que devia assentar a amizade verdadeira, que tanto desejava travar com o seu novo companheiro, acceitou-a sem hesitar. Os dois mancebos prometteram communicar um ao outro os seus mais intimos segredos.

Luiz de Mendonça mandou que lhe trouxessem ao quarto o seu almoço e o do novo criado do infante. Foi só depois de se sentarem á meza e de terem enchido de vinho os copos de metal, que Francisco d'Albuquerque principiou a narrativa que se segue.

— Meu pae, o general Mathias d'Albuquerque, pouco tempo depois de ter ganho contra os castelhanos a celebre batalha do Montijo...

— Em que obrou prodigios de valor — atalhou Luiz de Mendonça — rompendo com a propria espada os esquadrões inimigos que já levavam os nossos de vencida.

— Pouco depois de ganhar essa victoria que firmou a corôa na cabeça do Sr. D. João IV, — proseguiu o narrador — caíu doente em consequencia das grandes contusões que lhe fez a cavallaria passando-lhe por cima; porque sabes...

— Sei que uma bala lhe matou o cavallo, quando ía a montar, e que seria esmagado pelos soldados que fugiam, e a batalha se teria perdido se não lhe acudisse um capitão francez.

— Essa catastrophe foi a causa fatal da sua morte. Quando elle morreu contava eu apenas tres annos, e já não tinha mãe. — Confiou-me a um amigo seu de Evora; homem simples, lavrador intelligente, que se conservara fiel á causa portugueza, durante a usurpação dos hespanhoes. Este homem tinha uma filha, mais nova do que eu um anno. Fomos criados um com o outro, amando-nos, primeiro como irmãos, depois... — Fui para a guerra; estive separado della seis mezes, e quando nos tornámos a vêr córámos ambos, ambos estremecemos de alegria. Os nossos sentimentos tinham-se transformado. Já não era amizade que nós sentiamos um pelo outro; era amor. — Encontrámo-nos uma noite sós n'um jardim, que ha por detraz da caza em que ella vive: e esses logares tão conhecidos por mim, pareceram-me naquelle instante um paraizo. As

rozas tinham mais perfume, os pyrilampos irradiavam uma luz mais brilhante. Fallámos primeiro de coisas indifferentes; das nossas brincadeiras de creanças; dos arbustos que plantáramos juntos, e que tinham crescido comnosco; depois contámos o que tinhamos feito, o que tinhamos dito durante a nossa separação; fallámos das saudades, das esperanças... emfim, eu, caí-lhe aos pés, para lhe confessar que a amava, e ella respondeu-me com um beijo suave, puro, candido como os affagos de um anjo.

— E agora?...

— Agora, ao separarmo-nos, jurámos amarnos sempre. Ella chorava, dizendo que temia que lhe eu fosse infiel, que me esquecesse della para pensar nas bellezas da côrte. Jurei-lhe, jurei-lhe pela alma de minha mãe, que a amaria sempre... e hei de cumprir o juramento.

— Fizeste mal em jurar — disse Luiz de Mendonça com um tom lento, e sorrindo ligeiramente.

— Não fiz mal, não que não ha na côrte mulher que possa fazer-me esquecer da minha angelica, da minha linda Thereza, da filha do meu protector! — exclamou Francisco d'Albuquerque.

— Póde ser. Mas na côrte a inconstancia é moda: e tu, meu charo, já estás um *casquilho* da côrte — interrompeu o grave Mendonça, apontando para as gallas de que o seu amigo estava cuberto.

O moço capitão olhou para si, sorriu-se involuntariamente, levando o copo á bocca para disfarçar o sentimento de vaidade que naquelle instante se lhe apoderou do espirito — Esse mal dos cortezãos, — disse elle, — não se me ha de pegar a mim. Hei de ser tão fiel a Thereza, como ao Sr. Infante.

— O mal é contagioso: ninguem póde assegurar que um dia não será victima do contagio. Eu sou uma prova...

— De que? — exclamou ancioso o novo cortezão. — Já foste infiel, inconstante; já faltaste á fé jurada?

— Não — respondeu o seu tranquillo companheiro. — Eu ainda não fui inconstante, ainda não faltei á fé jurada; mas faltaram-me a mim. Faltou-me — proseguiu com a voz um pouco mais agitada — faltou-me quem me não devia faltar, quem me fez juramentos mais solemnes do que esses que tu fizeste á tua amante.

— Conta-me como isso foi. Tens obrigação de me contar a tua historia. Confidencia por confidencia.

— A minha historia é tão breve como a tua, mas é menos simples, menos bucolica. — Vi um dia — proseguiu Luiz de Mendonça — passando pela Graça, uma rapariga formosissima. Os seus olhos eram os mais bellos olhos negros que tem havido no mundo; as ondas dos seus cabellos fugindo por debaixo de uma especie de turbante branco, caíam-lhe até aos pés, que eram breves e ligeiros como os pés de uma sylphide. Uma tunica azul de grosseira tela, cubria-lhe as fórmas gentis, sem lhas occultar, e caindo-lhe do hombro esquerdo deixava adivinhar um seio gracioso e virginal. Estava sentada á porta de uma casinha baixa, e quasi em ruinas, ao pé de uma velha, que parecia uma bruxa fugida dos carceres da Santa Inquisição. — O que eu senti ao ver aquella rapariga, não se póde explicar: senti que perdia o juizo. — Nessa mesma noite fui fallar-lhe. Soube que era uma cigana pobre, que vivia das esmolas que lhe davam quando bailava pelas ruas. Offereci-lhe o meu coração, e quanto tinha: acceitou. Passei com ella o anno mais feliz da minha vida: as suas caricias eram apaixonadas, ardentes... de enlouquecer. No fim do anno amava-a mais, muito mais do que no primeiro dia! — A voz do narrador fôra vibrante e convulsa ao dizer estas ultimas frazes: de repente porém tornou-se abafada, mas aspera e metalica. — Uma noite — proseguiu elle — quando entrei em caza de Aza, achei-a triste, distrahida, indifferente comigo. Perguntei-lhe se padecia, se lhe tinha succedido alguma coisa que a atormentasse, respondeu-me que nada tinha, que a deixasse socegada. No dia seguinte quando entrei, vi que me recebia com impaciencia, que desejava ficar só: saí sem lhe dizer nada, mas fui esconder-me á esquina de uma rua proxima. Meia hora depois parou á porta della uma cadeira de quatro homens, de dentro saíu um vulto embuçado n'uma capa: bateu duas pancadas na porta, que se abriu logo, e vi então sair Aza cuberta com uma manta. O homem que a esperava deu-lhe um beijo, e offereceu-lhe a mão para entrar para a cadeira de que elle se havia apeado. A raiva que eu senti naquelle instante, não me cabia no coração, que palpitava convulso, que me estalava no peito. Tirei da espada, e corri como um louco para aquelle que me roubava a minha amada, mas... antes de lá chegar es-

tava cercado de homens que me desarmaram. Vi então á luz de um archote que Aza me era infiel, não por amor a outro homem, mas por cubiça. O meu rival era...

Vendo que o narrador hesitava em dizer o nome do rival preferido, Francisco d'Albuquerque jurou-lhe guardar segredo de quanto tinha ouvido, e pediu-lhe que acabasse a sua interessante historia. Esta interrupção deu tempo a Luiz de Mendonça para abafar a colera que lhe irritava os nervos: a sua voz tomou de novo o tom que lhe era natural, e elle contou quasi com indifferença o resto do terrivel drama.

— O homem que eu ía matar — disse elle — era El-Rei. Fui cruelmente affrontado por essa vil canalha a que chamam a patrulha baixa; e a mão de D. Affonso VI marcou-me vergonhosamento a face. — Aqui Mendonça fez uma pausa.

— E ella; Aza onde está agora?

— Onde ninguem lhe tornará a pôr os olhos.

— Morreu!

— Poucas semanas depois de me ter abandonado embarcou uma tarde, ao sol posto na Ribeira, para ir á quinta de Alcantara ter com o seu novo amante; mas... o barco em que ía affundou-se, e nunca mais se soube della.

— Havia tempestade nessa tarde?

— O mar estava socegado.

Estas ultimas palavras pozeram termo á conversação dos dois amigos.

Depois de ter bebido um grande copo de vinho generoso, Luiz de Mendonça levantou-se da mesa, para se ir vestir. Eram quasi nove horas, e o Infante devia a essa hora saír do palacio, para visitar a bordo a esposa de Affonso VI.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

*(Continuar-se-ha.)*

---

## ZILLA.

### Romance.

*(Continuado de pag. 69.)*

### XX.

99 — Não respondeu a donzella
Não, que a pobre não sabia
A taes falas responder;
Na face pallida, o bella
Em borbotões lhe caia
Amargo, e sentido pranto;
Quem podéra resistir
Daquella dôr ao encanto?
Oh! quem podéra?!... ninguem.

---

Do rosto do cavalleiro
Fugiu a côr, e os desejos,
Que nos olhos faiscavam
De relance se apagaram;
Imprimindo ternos beijos
Nas mãos que tinha entre as suas,
Estreitamente apertadas,
Com ancia lhe supplicava,
Que enxugasse aquelle pranto,
Que tão sentida chorava.

---

Breves, cortadas de susto,
Que palavras disse a custo,
Que entraram no coração
Do moiro que lhas ouviu?
Que resposta lhe elle deu,
Para em meio da afflicção,
Que o peito lhe confrangia,
Vir um raio de alegria
Esclarecer-lhe o semblante
Como sancta luz do céu?

---

Que a deixasse só pedira;
Só está; — livre suspira;
Livre a dôr se lhe dilata,
E o peito lhe desopprime
Do cruel peso que a mata.
— Da janella alta e espaçosa
Que fronteira lhe ficava
Via-se a noite; era escura
Mas de estrellas coroada;
A viração fresca, e pura
Que inconstante susurrava
Aspirando-a brandamente
O agitado arfar do peito
Pouco a pouco lhe acalmava,
— Via a noite; era formosa
Como aquella em que esperava
Pelo seu querido amante;
Só nessa a lua aclarava
O horizonte azul saudosa,

E esta não, esta era escura,
E nem auras de ventura,
Nem alentos de esperança,
Lhe trazia ao coração;
— Pobre esperança, inda em flôr
Veio a desdita ceifal-a!
Tenra de vida bastou-lhe,
O primeiro repelão,
Do vento para esfolhal-a!

XXI.

Ligeiro rumor de passos
Se escutou na vasta sala;
Aos reverberos escassos
Da luz dubia que a alumiava,
Mal podia aperceber-se
Quem fôra que nella entrára:
Mas pelo véu que trazia,
Pelas fórmas delicadas,
De corpo esbelto, e gentil,
Que era mulher parecia. . .

R. A. DE BULHÃO PATO.

*(Continúa.)*

# NOTICIAS E COMMERCIO.

## ACTOS OFFICIAES.

### 7 a 10 de Novembro.

DITO N.º 263.

100 Um officio do commandante do Brigue de Guerra *Doiro* participando a sua chegada a Mossamedes com boiando a barca brazileira *Tentativa Feliz*, que conduzia a seu bórdo 170 colonos (entre os quaes íam 40 mulheres.)

Outro do Governador de Mossamedes sobre o mesmo assumpto.

DITO N.º 264.

Continuam os modelos que fazem parte das Instrucções do decreto de 30 de Outubro ultimo.

Mappa demonstrativo da importancia do imposto addiccional de 10 e 6 por cento para amortisação das notas recebida desde 4 de Outubro ultimo, até 3 de Novembro corrente. Somma 15:387$218 réis.

DITO N.º 266.

Instrucções para a contabilidade dos cofres dependentes dos ministerios do Reino, Guerra e Marinha.

## PRECIOSIDADE ARTISTICA.

Lêmos em um jornal inglez que se publica na ilha de Jersey: —

101 Um caso de alguma importancia para a communidade Catholica Romana em Londres teve logar a semana passada, em consequencia de ter sido offerecida á Egreja daquella communidade pelo Commendador, o Cavalheiro Cordeiro (João Paulo), residente ha muitos annos nesta ilha, uma muito bem executada representação da Crucifixão. A imagem do Salvador está esculpida em marfim com uma tão extraordinaria fidelidade e exacção que póde supportar o mais rigoroso exame nas suas proporções anatomicas, assim como a applicação do microscopio ás differentes partes do corpo, onde o artista empregou um verdadeiro talento, pela maneira com que produziu uma tão exacta representação das feridas, dos pingos de sangue, etc.

A figura tem apenas 15 pollegadas de altura, mas é de uma tão extraordinaria perfeição e valor, como objecto de arte, que somos informados de boa parte, que uma companhia de judeos visitou esta ilha, de proposito para o comprarem, para negocio, offerecendo por esta esculptura quatro mil libras sterlinas (dezoito contos de reis).

Um dos padres pertencentes ao estabelecimento catholico desta ilha, foi encarregado de levar esta preciosidade para Southampton onde o muito reverendo Doutor Wiseman o devia esperar para conduzir este valioso objecto para Londres.

O Sr. Cordeiro benignamente consentiu que o publico o examinasse na caza da sua residencia, e a occasião foi approveitada por muitas pessoas de todas as classes.

Egualmente ouvimos dizer que por muito extraordinario favor se permittiu que se levasse o Crucifixo ao Estabelecimento de M. Mullins, em Royal-Sqnare, e que se tirassem duas ou tres copias pelo processo photographico.

## CURSO DE PHYSICA EXPERIMENTAL, Rua Formosa n.º 20, em beneficio das Irmãs da caridade e do Asylo da Infancia dos Cardaes.

102 O extremoso interesse com que foi presenciado o ensaio da maquina locomotiva de vapor, na ultima prelecção, tem determinado o auctor a fazel-a andar outra vez na quinta feira 22. O assumpto da prelecção será: — Continuação da Pneumatica, Explicação da Espingarda do Vento da Machina de Vapor á vista de um modelo, e muitas experiencias interessantes. Abrem-se as salas á hora e meia. Preço dos bilhetes 480, ou 3 por 1$200 rs.

## FERROS VELHOS.

103 Á port apor onde se entra para a exposição da industria, vimos nós, um desses ultimos dias, parar uns maloios, que de fóra de Lisboa tinham vindo

para ver a exposição. Vinham de jaqueta e querendo entrar não os deixaram. Desapontados, disiam mal á sua vida, quando um sujeito se chega a elles, e lhes diz, que se tinham muita vontade de entrar, allugassem fato proprio, e indicou-lhes uma escada fronteira, onde estavam uns poucos de ferros velhos, que, mediante alguns tostões, e deixando elles as suas jaquetas de penhor, lhes alugaram umas casacas e sobrecasacas, que os maloios envergaram, e assim foram muito contentes satisfazer o seu gosto.

* *

## ASSASSINATO.

(Carta.)

*Sr. Redactor.*

104 Hontem de tarde, 16 de Novembro, Maria Victorina, casada, natural de Albufeira, residente em Faro, assassinou barbaramente uma menina de 6 para 7 annos de idade, para lhe tirar umas argolinhas de oiro que tinha nas orelhas. Para melhor pôr em execução a sua maldade, mandou para fóra de caza uma sobrinha que vivia com ella; depois de estar só, com uma navalha de barba matou a desventurada criança. Eu vi o cadaver; os musculos da parte anterior e lateral do colo estavam cortados, assim como as duas arterias carotidas, a trachea e o esophago; e só parou esta furia sanguinaria de golpear a sua victima quando encontrou as vertebras cervicaes. Já de noite foi pôr a pequena junto da porta do quintal dos paes, que são visinhos della. O infeliz pae, quando vinha do campo, encontrou aquelle vulto, vae ver o que era, acha sua filha morta, grita; acode a mãe, que ainda estava convalescente de um parto; ambos cheios de horror, e lavados em lagrimas, lamentam a sorte de sua filha; é neste tempo que Maria Victoria apparece, dizendo, que desgraça, esta morte foi feita por homem, mulher não podia ser. Uma pessoa que ahi estava, desconfiou da mulher, por lhe vêr sangue nos vestidos, insta para que se lhe dê busca á caza. Foram a caza de Maria Victoria, e ahi encontraram muito sangue na cozinha e quintal, pannos tintos em sangue, a navalha de barba com sangue; as argolinhas de oiro foram achadas, uma em um sapato, e a outra no seio da assassina. Esta mulher recebia muitos favores dos paes da menina, que cruelmente matou, e entrava em sua caza com franqueza. As auctoridades judiciaes tem andado neste negocio com muita inteireza e dignidade.

Espero que V. se digne mandar inserir isto no seu acreditado jornal.

Faro, 17 de novembro de 1849.

De V. etc.

FRANCISCO D'ASSIZ BALLEIZÃO.

## KONTSKI E DADDI.

105 O Sr. Kontski voltou ao theatro de S. Carlos na segunda feira 18, onde se representou em seu beneficio a opera *Macbeth*.

Entre varias peças que o Sr. Kontski tocou magistralmente, sobresahiu a em que foi acompanhado pelo Sr. Daddi, cuja pericia foi admirada e applaudida unanimemente.

## PERIGO DE SE NÃO CONHECEREM OS BOLEEIROS.

106 No dia 19 deste mez recolhia-se para sua caza, á Junqueira, a esposa do Administrador da Caza do Conde da Ribeira em uma carruagem, quando, ao Calvario, o boleeiro, que ía muito tocado do vinho, cahe do cavallo e deixa a carruagem sem conductor: os cavallos espantam-se, e deitam a fugir a trote largo. A Senhora por mais que gritasse, ningeum lhe acudiu. Os cavallos levaram a carruagem com a Senhora dentro até Oeiras, e dahi voltaram por si mesmos, e só pararam defronte das suas cocheiras.

Foi então que a Senhora foi tirada da carruagem desmaiada.

* *

## O SR. CASELLA.

107 Chegou a esta capital o Sr. Casella, eximio professor de violoncello, que será ouvido no theatro de S. Carlos, na proxima segunda feira 26 do corrente.

Pelo testimunho dos jornaes do Porto, onde este artista deu varios beneficios, sempre victoriado, e pelo que nos informam pessoas competentes, não hesitamos em pedir a concorrencia do publico, como tributo de reconhecimento ao provado merito deste artista.

## BIBLIOGRAPHIA.

### GALERIA THEATRAL.

108 Com este titulo temos recebido seis numeros de um novo jornal, que julgâmos dever recommendar, porque será lido com interesse e prazer.

Faltava-nos a especialidade de um jornal de theatros, e ainda que a parte critica exija outro plano, pelas circumstancias especiaes em que estamos, a parte noticiosa é completamente nova e variada. É um jornal bem escripto, e que desejamos vêr continuado para honra e credito de seus redactores, a quem devemos tributar louvores, tanto pelo pensamento, como pelo zelo que desinvolveram.

## PRAÇA DE LISBOA.

### Em 21 de Novembro.

109 Fundos publicos de 5 por cento sustentam os preços de 55. — Acções do Banco de Lisboa, 446$000 a 448$000 réis. — Acções sobre o fundo de amortisação, 45 por cento. — Desconto de notas, 930 a 950 réis por moeda.

Cereaes em 21 de Novembro.

| | | | |
|---|---|---|---|
| Trigo do reino rijo . . . | de 350 a 450 | réis | a bordo. |
| » » molle . | de 410 a 460 | » | » |
| » da ilha. . . . . . . . | de 325 a 380 | » | » |
| Milho do reino. . . . . . . | de 230 a 240 | » | » |
| » da ilha . . . . . . . . | de 190 a 200 | » | » |
| Cevada do reino. . . . . . | de 190 a 200 | » | » |
| » da ilha . . . . . . . | de 170 a 180 | » | » |
| Genteio do reino . . . . . | de 210 a 215 | » | » |

Estado do mercado, em 21 de Novembro.

Algodão de Pernambuco 115 a 120 rs. — Dito do Maranhão 100 a 110 rs. — Dito da Bahia 105 a 110 rs. — Não nos consta que houvesse vendas.

Assucar de Pernambuco B. 1.ª e 2.ª sorte 1$400 a 1$550 rs., 3.ª e 4.ª dita 1$300 a 1$350 rs., 5.ª e 6.ª dita 1$200 a 1$250 rs. — Do Rio dito 1$250 a 1$350 rs. — Da Bahia dito 1$200 a 1$350 rs. — Das Alagôas dito 1$200 a 1$250 rs. — Do Pará, bruto 900 a 1$000 rs. — Mascavado novo 1$050 a 1$100 rs., dicto velho 850 a 1$000 rs. — Continúa frouxo o mercado, limitando-se as mui pequenas vendas ao consumo. Ha falta do da primeira qualidade, a qual é procurada.

Cacáu 1$700 a 1$750 rs. — Preços nominaes.

Caffé, 1.ª sorte 2$000 a 2$100 rs. — 2.ª dita 1$850 a 1$900 rs. — 3.ª dita 1$700 a 1$750 rs. — Dito Escolha 1$050 a 1$100 rs. — Os preços cotados tornam-se quasi nominaes, visto serem os ultimos effectuados e não haver mais fazenda no mercado para esses preços. No entanto houve algumas vendas para reexportar.

Cera de Angola B. 230 a 235 rs. — Dita A. 223 a 225 rs. — Houve mais algumas vendas para reexportar.

Marfim de lei 950 a 1$100 rs. — Dito meão 830 a 850 rs. — Dito escravelho 550 a 650 rs. — Realisaram-se pequenas vendas para embarque.

Urzella 5$800 a 6$000 rs. — Houve uma pequena venda para reexportar, e embarcou uma porção que se achava vendida ha tempo.

---

### Exposição da Industria a favor do Azylo de Beneficencia e das cazas de Azylo da Infancia Desvalida.

110 Tendo a Sociedade Promotora da Industria prestado o seu consentimento a este beneficio, as pessoas encarregadas de o promover fazem publico: —

Que nos dias 25, 26, 27 e 28, desde as 10 horas da manhã até ás 4 horas da tarde, estará franca a sala da Exposição, mediante a esmola do 40 réis o minimo por pessoa, dando esta esmola direito a um bilhete de uma mui variada loteria, que será extrahida no ultimo dia da exposição ás 3 horas da tarde:

Que a lista dos numeros premiados será publicada nos jornaes:

Que se acceitam com satisfação quaesquer donativos para premios, e recebem-se até Sabbado á noite no Escriptorio da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, rua dos Fanqueiros, n.º 82, 1.º andar:

Que em cada um dos dias desta Exposição uma banda de musica militar tocará dentro da sala:

Que no Domingo a sahida da sala da Exposição não será pela mesma porta da entrada.

---

Rogamos a todos que auxiliem esta obra de charidade, que reverte em beneficio da velhice pobre e da infancia desvalida.

Rogamos tambem a todos os nossos collegas da imprensa, tanto litteraria como politica, que tenham a bondade de reproduzir este nosso annuncio, como se directamente lhes houvessemos dirigido este pedido.

---

### EXPEDIENTE.

ESCRIPTORIO E TYPOGRAPHIA — RUA DOS FANQUEIROS N.º 82.

*Correspondencia franca de porte* — AO REDACTOR E PROPRIETARIO DA REVISTA UNIVERSAL.

| | |
|---|---|
| Doze numeros . . . . . . . . . . . . . | $600 réis. |
| Vinte quatro ditos . . . . . . . . . | 1$200 » |
| Quarenta e oito ditos . . . . . . . | 2$400 » |

POR ASSIGNATURA sahe cada numero a 50 réis: *avulso* 80 réis.

A Redacção annunciará, e, convindo, analisará qualquer publicação estrangeira ou nacional, que lhe seja remettida. O annuncio se fará na parte bibliographica. Quando assentar que o não deve fazer, restituirá a publicação de que não der noticia.

Todos os inventores, auctores, ou outras pessoas que desejarem fazer conhecer ao publico, machinas, livros, sementes, plantas, objectos de arte, medicamentos, etc. poderão mandal-os para o Escriptorio da REVISTA, annunciando-se e descrevendo-se gratuitamente no Jornal.

Além dos artigos assignados pelo Redactor, todos os artigos não assignados pelos collaboradores ou marcados, pertencem á Redacção.

Roga aos leitores das provincias e do Brazil, que communiquem os conhecimentos dignos de se publicarem em um Jornal como a REVISTA.

Todos os collaboradores estranhos ou nacionaes são bem vindos.

---

*Erratum*. Na pag. 69, col. 1.ª, lin. 20 o verso
*Divino o que imprimiu*,
Deve ser
*Divino toque imprimiu*,